



## Um corpo insustentável

A disputa dissidente pela permanência em sociedade

Lucas Dantas<sup>1</sup>

**Resumo:** É inevitável que todas as vezes em que se inicia uma discussão sobre sustentabilidade se pense sobre o meio ambiente ou em outros fatores externos ao corpo. Mas com que frequência discutimos sobre o tema da sustentabilidade pensando na resiliência dos corpos dissidentes de gênero e sexualidade em sociedade? É possível que um corpo seja insustentável? Quais seriam os contextos sociais e históricos que contribuem para a insustentabilidade dele? Quem são os corpos sustentáveis? O que os diferencia? Quem detém o poder e os mecanismos para dar a sustentabilidade ou o avesso dela a um corpo? Esse trabalho pretende fundamentar o conceito de corpos insustentáveis através do aprofundamento na discussão sobre a insustentabilidade dos corpos, diante da hetero-cisnormatividade e de outras violências distintas advindas da norma em sociedade. Refletir sobre como a educação pode ser um espaço insustentável para os corpos dissidentes, mas como também pode ser um espaço de empoderamento, formação e sustentabilidade a eles.

**Palavras-chave:** Insustentabilidade, Dissidência, Permanência, Educação.

## An unsustainable body

The dissident dispute for staying in society

**Abstract:** It's inevitable that every time you start a discussion on sustainability you think about the environment and other factors that are external to your body. But how often do we talk about sustainability based on the resilience of dissident bodies of gender and sexuality in society? Is it possible for a body to be sustainable? What would be the social and historical contexts that contribute to it's unsustainability? What are sustainable bodies? What makes them different? Who detains the power and tools to give or take away a body's sustainability? This work intends to found the concept of unsustainable bodies through deep discussions on the unsustainability of these bodies, in the face of straight-cisgender-normativity and other distinct violence arising from the norm in society. Mediating on how education can be an unsustainable space for dissident bodies but also an empowering, learning and sustainable environment for them.

**Keywords:** Unsustainability, Dissidence, Permanence, Education.

<sup>1</sup> Educador Trans Não Binário. Mestrando em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), docente da Pós Graduação em “Inclusão: Práticas inclusivas e gestão das diferenças” e “Psicopedagogia: Práticas educacionais e contextos da educação” do Instituto Singularidades. [lucaseducadore@gmail.com](mailto:lucaseducadore@gmail.com)

## Introdução



Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

(KRENAK, 2019, p. 10)

Uma provocação, assim como nos elucida Ailton Krenak em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, pensar em sustentabilidade e em desenvolvimento sustentável parece sempre uma provocação, uma ofensa, uma ode aos estudos já feitos e realizados. Como poderíamos expandir o que sabemos sobre este tema e relacionar sustentabilidade e corporalidade? “Como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?” (KRENAK, 2019, p. 11)

O indiano, prêmio Nobel de Economia em 1998, Amartya Sen, contribuiu para estabelecer uma nova compreensão acerca do desenvolvimento. Na sua obra “Desenvolvimento como Liberdade”, ele analisa o papel do desenvolvimento em contraposição ao entendimento que associa o desenvolvimento somente por fatores econômicos, de forma que o desenvolvimento esteja relacionado com a qualidade de vida e com o fortalecimento das liberdades. Segundo Amartya Sen, “a pobreza é a privação de capacidade”, englobando, o acesso à educação, exclusão social e financeira, limitações nas condições de saúde, entre outros.”

Repensar o que sabemos e como conduzimos a discussão sobre sustentabilidade é lidar com uma série de informações induzidas para que não pensemos nos corpos dissidentes enquanto seres que estão suspensos e inadequados a existência neste planeta. O que autores como Amartya Sen e Ailton Krenak nos trazem são novas pulsões e perspectivas para que possamos pensar em sustentabilidade e desenvolvimento através de outras óticas, que consideram a liberdade, os processos de construção de humanidade e outros fatores indispensáveis para de fato compreendermos o que é estar sustentável neste mundo.

Falar de sustentabilidade sob a ótica dos corpos marginalizados me fez chegar até aqui, tem me motivado a permanecer na área da educação, propondo, intervindo,

assustando e transpassando posições políticas e ideológicas adotadas como canônicas dentro desses espaços. Me fez rever os problemas instáveis e propor mudanças que renovam, assombram e prosperam nos espaços educacionais.

Dentro do curso de Letras-Português, no Instituto Singularidades em São Paulo, foi onde comecei a me aprofundar na discussão sobre sustentabilidade e corporalidade. Em 2017 foi realizada a segunda Semana Temática no Instituto, semana em que educadores são convidados para para discutir temas relacionados a educação. O tema escolhido desta vez foi sustentabilidade. De antemão quando soube do tema um pensamento me ocorreu: De qual sustentabilidade estamos tratando?

Ao pensar que a discussão abordada pelo tema da sustentabilidade não abordaria a corporalidade como categoria de análise continuei me indagando: Como falar de sustentabilidade se ainda não asseguramos o direito à vida humana, nem dentro e nem fora das escolas? Por que a educação evita tratar em primeiro plano da violência que assola os corpos sob todos os níveis de interdição em sociedade? Por que ela nos minimiza, finge não ver as nossas pautas, nossos relatos, nossas opressões e os muros que nos cerceiam? Por que a educação sempre encontra um tema mais importante do que falar de vida? Dessa vida ameaçada, que não é garantida, impedida de habitar e permanecer nos espaços educacionais, porque é insustentável. E por que ela não se sustenta? E para quem ela não se sustenta?

Acho que a equipe organizadora da Semana Temática foi ao encontro do entrecruzamento dos temas sustentabilidade e corporalidade quando colocou no último dia da programação uma mesa de debate chamada “Gênero e Educação”. Uma das convidadas foi Paula Beatriz de Souza Cruz, a primeira mulher transgênera e negra a ocupar o cargo da Direção de uma escola pública no Estado de São Paulo. Paula é diretora da Escola Estadual Santa Rosa de Lima, no Capão Redondo, zona sul de São Paulo.

Em entrevista a plataforma Huffpost Brasil<sup>2</sup> Paula Beatriz fala sobre a importância da representatividade e relata sua experiência como inspiração para outras pessoas trans que estão buscando oportunidades de trabalho na educação; “Algumas meninas, hoje travestis, quiseram vir aqui falar comigo. Tinham tido contato comigo quando crianças. Falam que sou uma inspiração. A gente sabe que nosso país é um dos que mais mata

---

<sup>2</sup> Entrevista completa através do link: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/paula-beatriz-professora\\_br\\_5c6d8cd4e4b0e2f4d8a1d952](https://www.huffpostbrasil.com/entry/paula-beatriz-professora_br_5c6d8cd4e4b0e2f4d8a1d952)

travestis e transexuais e você estar numa direção de escola abre caminho para novas gerações e até para atuais de que é possível”.

Para analisarmos a complexibilidade e a importância desta conquista devemos utilizar a interseccionalidade, tal qual nos propõe Carla Akotirene em entrevista ao instituto Geledés<sup>3</sup>, como “uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí”, permitindo-nos enxergar através desta ferramenta “a interação simultânea das avenidas identitárias.”

Deste modo a reflexão que nos cabe fazer é: Quantas mulheres estão na direção de uma escola pública em São Paulo? Quantas delas são negras? Quantas delas são Trans? Se lançarmos mão da ferramenta analítica da interseccionalidade que propõe a inseparabilidade das identidades de gênero, raça e classe, nos assustaremos ao constatar que Paula Beatriz é a única mulher trans negra a ocupar o cargo de direção de uma escola pública da cidade de São Paulo. Sustentando os seus marcadores sociais de raça, classe e gênero nesse contexto diante de um cargo de poder. Sustentando todas as mudanças que decorrem junto a esse corpo, que carrega outras vivências, outra ótica de mundo, que causa impactos e que rompe com os planos de marginalidade acionados pela sociedade para que corpos assim nunca chegassem aos cargos de poder.

Mas o que este artigo pretende apontar é que são esses corpos marginalizados pela sociedade que estão sustentando a revolução. E quando falo sustentar falo de corpo, do corpo na rua, à frente das batalhas, mais do que por trás dos textos ou das produções acadêmicas. Algumas diferenças são impressas no nosso corpo e na nossa pele, de fato a não termos escolhas quando estamos na rua. Estamos expostos a todas as horas em que o nosso corpo está em socialidade. E aqui destacamos porque nos custa tão caro os conceitos de representatividade e lugar de fala, alguns podem falar de nós, nos estudar, ou querer nos “dar voz” com o seu trabalho. Mas uma diferença brutal se apresenta quando estamos nus e nuas em sociedade, um corpo passa pela norma o outro não.

[...] Quando eu arrisco tudo me assumindo, eu arrisco por nós duas. Quando eu arrisco tudo e funciona (e às vezes funciona, experimente tentar), eu me benefico e você também. Quando não funciona, eu sofro e você não. (MANIFESTO QUEER NATION<sup>4</sup>, 2016, p. 8).

<sup>3</sup> Entrevista completa através do link: [https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=Cj0KCCQiApaXxBRDNARIsAGFdaB8m3ivDmGevn7\\_wd5Hmn5-wnFiCLbs6NcYwfuBb21Mmzq6kPCcBbFUaAo-iEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=Cj0KCCQiApaXxBRDNARIsAGFdaB8m3ivDmGevn7_wd5Hmn5-wnFiCLbs6NcYwfuBb21Mmzq6kPCcBbFUaAo-iEALw_wcB)

<sup>4</sup> Link para [http://chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2016/11/SI\\_cad53\\_ManifestoQueerNation.pdf](http://chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2016/11/SI_cad53_ManifestoQueerNation.pdf) acesso:



Ao longo do debate Paula Beatriz compartilhou de algumas de suas táticas para se manter viva nesta sociedade estruturalmente transfóbica, misógina e racista, uma delas foi aprender capoeira com o seu irmão.

Segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) no “Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018” organizado por Bruna G. Benevides e Sayonara Naider Bonfim Nogueira, comprova-se que “no ano de 2018, lembrando incansavelmente do aumento da subnotificação desses dados, ocorreram 163 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 158 Travestis e Mulheres Transexuais, 4 Homens Trans e 1 pessoa Não-Binária”.

Se analisarmos a fala de Paula Beatriz e correlacionarmos com os dados trazidos pela ANTRA, veremos que a violência física é uma constante na vida de pessoas trans. Ao ter que aprender capoeira para se defender Paula revela maneiras de se poupar da violência que assola todo e qualquer corpo que porte uma identidade fora daquela imposta pela heteronormatividade em sociedade.

Quando falamos de táticas físicas estamos reforçando que antes de qualquer estratégia política precisamos assegurar a nossa vida, os direitos mínimos de cidadania, o direito a existência e ao reconhecimento. Que precisamos dar sustentabilidade aos nossos corpos, a nossa existência plena na matéria, para que as nossas subjetividades estejam asseguradas.

Paula também falou sobre as cargas da visibilidade por ser a única mulher transgênera a ocupar esse cargo de poder: “Fico feliz por ser a primeira, mas também tenho medo da visibilidade, amanhã podem aparecer na escola para me matar”. Pensar em sustentabilidade é saber se amanhã o seu corpo físico será ou não assolado pelas violências transfóbicas, ou por violências outras motivadas por algum ódio pertencente a este mundo.

A fala, o corpo e a trajetória de Paula couberam perfeitamente na Semana Temática sobre Sustentabilidade, no fundo estávamos falando sobre o direito à vida e de como ele é negado a alguns corpos diariamente, o direito a cidadania e respeito, a plenitude, a integridade.

Depois desse debate, mais uma vez, aprofundi o meu pensamento de que é inevitável que, ao falarmos de sustentabilidade, a primeira categoria que devemos entrar é a sustentabilidade dos corpos. Se debater com essa consciência em meu próprio corpo,

na fala da Paula Beatriz, e em todos os disparadores, me fizeram pensar sobre isso nesses 4 anos de licenciatura, me fizeram querer se debruçar sobre este tema neste trabalho e continuar investigando ele nesta trajetória acadêmica que trilho.

### **Corpos não autorizados a existência**

“Corpos dissidentes” é um conceito contemporâneo utilizado por muitos coletivos políticos, militantes e engajados nas pautas humanitárias para se referir a todos os corpos que são violentados ou ausentados de privilégio e cidadania nesta sociedade por conta de suas dissidências. Dissidência seria separar-se do todo por algum motivo, ser excluído, estar a margem. Ser um corpo dissidente é portar alguma coisa que te exclua, seja pela cor da sua pele, pela sua identidade de gênero, pela sua orientação sexual, pela sua expressão de gênero, pela sua nacionalidade, pela sua origem, pelo seu peso, por portar uma necessidade especial, etc... Aqui poderíamos citar inúmeros fatores que são condições para que um corpo seja violentado, excluído, punido e vigiado em sociedade. Fatores e condições por vezes estéticas, éticas ou mesmo políticas, que são a ruptura para que esses corpos não façam mais parte do todo, não sejam possuidores de direitos. “Desse modo, sujeitos dissidentes da homogeneidade “variados, numerosos” e “incansavelmente/incessantemente” são inventados e multiplicados como anormais” (VEIGANETO, 2001, p. 105).

Corpos dissidentes são desnaturalizados e perseguidos culturalmente por aparatos que insistem em naturalizar a sua morte, naturalizar sua vivência precária e o seu não direito a cidadania, naturalizar a sua falta de acesso paltada numa meritocracia que o responsabiliza pela própria desumanidade, naturalizar a exploração dos seus corpos de maneiras múltiplas e trágicas pelo capitalismo.

Este pensamento difundido em massa está intrinsicamente ligado na estrutura dessa sociedade, fazendo com que os seus reprodutores sejam por vezes os próprios corpos dissidentes, que destilem ódio e aversão contra si mesmos, que se vejam de forma distorcida e sejam estimulados a competir e se boicotar. Mas são, sobretudo, aqueles que lucram com eles, que disseminam a meritocracia como conceito de justiça e reparação como projeto de mundo. Esse pensamento está conectado na estrutura dessa sociedade e faz com que todos os espaços de poder, as instituições e todos os outros espaços de sociabilidade não saibam receber, não saibam conviver, não saibam dar condições sustentáveis a um corpo dissidente, fazendo dele um corpo insustentável naquele espaço.

Não existe sustentabilidade se não existe vida. Sustentabilidade é uma característica ou condição de um processo ou de um sistema que permite a sua permanência. E quando olhamos para os processos de evasão escolar quem são os corpos que não conseguem permanecer? Quem são os corpos insustentáveis? Quem são os corpos não autorizados a existência?


### **A Insustentabilidade**

A Deputada Estadual de São Paulo Erica Malunguinho, eleita nas eleições de 2018, em defesa a um ataque transfóbico na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo – ALESP em Março de 2019<sup>5</sup>, discursou sobre a legitimação do ódio, a tentativa de retirada dos direitos de pessoas já marginalizadas e como cada período histórico produz os seus genocídios fomentados pela política, pela ideologia e pela lei. A Deputada endossou que “pensar em segurança, pensar em vida, é pensar em como as pessoas podem ter garantia de circulação, de respeito e de dignidade. Valor não é um espírito que se baixa no corpo, valores assim como leis se modificam conforme o tempo e a cultura. Tragédias como a escravidão já foram garantidas pela lei.”

Segundo o que Djamila Ribeiro nos evidencia em *O que é lugar de fala?* (2017) “quando indivíduos são mantidos numa situação de inferioridade, eles de fato são inferiores” (RIBEIRO, 2017, p. 43). A autora cita Simone de Beauvoir para fazer referência ao processo de subordinação dos corpos através da cultura e dos interesses de gênero “ser é ter-se tornado, é ter sido tal qual se manifesta” (RIBEIRO, 2017, p. 43). Reiterando que o processo de inferiorização se dá de maneira formativa e construída socialmente.

O que a fala de Erica Malunguinho, a escrita de Djamila Ribeiro e a citação de Simone de Beauvoir nos traz é a compreensão de que as desumanidades são construídas culturalmente ao longo da história, que por vezes tem reforço e apoio do Estado, de instituições que detém o poder e o controle dos corpos. A insustentabilidade seria então construída, fomentada, endossada, ela necessitaria de manutenção, atenderia a ideologia dominante. E a ideologia dominante é aquela que sempre prevaleceu, aquela que sempre se pautou e se legitimou como a normal, a padrão. Dentro do sistema de opressão podemos perceber quais categorias exercem poder e opressão e quais são anormalizadas, perseguidas e tem seus direitos de cidadania ceifados.

<sup>5</sup> Vídeo completo através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=yZnw-DtMELs>




Os corpos contra-hegemônicos em sociedade são constantemente atropelados pelo projeto de mundo que se instaurou desde os primórdios para que eles ficassem de fora, a margem, de maneira passiva e submissa. Para que todos aqueles considerados anormais vivessem no limite da inexistência, na constante perda dos poucos direitos conquistados, no desgaste e na retirada de políticas públicas para que os corpos violentados sejam reinseridos de maneira humanitária em sociedade. Tal prática e manutenção da insustentabilidade faz com que tantos tenham acesso e privilégios e outros continuem nunca conseguindo acessar espaços de poder e tendo sua expectativa de vida reduzida, sua existência precarizada.

Historicamente é a população negra quem foi genocidada e submetida ao processo de escravização, foram as vidas de pessoas LGBTQ+ que não foram autorizadas a existir, os cegos, os surdos e todas as pessoas com deficiência que foram desumanizadas, a população pobre e periférica que foi sucateada e desprovida dos direitos básicos. Assim como todos aqueles que foram em algum momento da história punidos, sucateados, esquecidos, abusados, para que do outro lado alguém pudesse gozar dos privilégios de poder e normalidade, pautando uma suposta neutralidade advinda da natureza que seria inexistente, fruto puramente de uma construção cultural que ambiciona desnaturalizar uns para naturalizar outros. Corpos são tornados dissidentes segundo a vivência de hostilidade e marginalização que tem com este mundo, são dissidentes porque são subalternizados, explorados, esquecidos, desprovidos de direitos. São dissidentes nas instituições, nos espaços de socialidade, na educação e em todos os outros espaços onde estão mergulhados na hierarquia das corporalidades.

(...) o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física. (FOUCAULT, 1975 – p. 29)





Foucault (1975) nos traz uma perspectiva da violência gerada sob os corpos, de maneira com que esses mesmos corpos atinjam a servidão através de uma submissão em sociedade. A chamada sujeição, se daria então, de maneira lucrativa para todos os espaços, marcados pelo capitalismo, a quem interessa mais a alienação e o adestramento do que o empoderamento e a reatividade. A insustentabilidade dos corpos é gerada por todos os mecanismos que insistem diariamente a desumanizar certas identidades para beneficiar outras. No livro “Vigiar e Punir: nascimento da prisão” (1975) Foucault aponta que a Igreja, a Escola e a Família são as grandes responsáveis para a manutenção de tal servidão, resultando em submissão e adestramento.

### **Um Corpo Insustentável**

Um corpo insustentável é aquele que vivencia o genocídio que mira nos corpos dissidentes, que ancestralmente atua para colocar para fora do planeta todos os corpos que não correspondem a norma, retirando e ceifando vidas. Um corpo insustentável não vira a esquina em paz.

Ele é insustentável porque teoricamente todos teríamos direito à educação, à comida, ao transporte, ao lazer, à moradia e à cidadania. Mas os direitos não estão chegando aos humanos que se destinam, eles estão sucateados, eles se fazem utopia ao não concretizarem sua missão. Quem não consegue permanecer no mundo, jamais conseguirá adentrar e permanecer na educação.

É insustentável porque a experiência dos corpos dissidentes na escola é um não lugar, uma habitação em regresso, um corpo que não consegue usar o banheiro, o vestiário, a quadra, um corpo que apanha e sofre abuso, um corpo que constantemente retrocede por vontade alheia, e quando ele não suporta dizem que ele não quer mais estudar, que ele evadiu, que ele foi embora.

É insustentável porque um projeto fascista assumiu democraticamente o governo em 2019, reiterando ideais de racismo, transfobia, machismo e misoginia. Sucateando as políticas públicas, os direitos conquistados, as migalhas que possuíamos. Um projeto que acredita em Kit gay, Ideologia de Gênero e Escola sem Partido.

É insustentável porque ele não é neutro, ele não é padrão e nem referência de nada, ele é perseguido, ele é avistado e apontado em todas as instâncias da vida, ele carrega a ancestralidade dos corpos marginais, ele é uma referência do que não se pode fazer, do que não se pode ser, do que não se pode permitir ser.

É insustentável porque não pode dar as mãos nas ruas, ter afetividade em público, se expressar com plena potência e liberdade. Porque ele precisa recuar para ter direitos garantidos, acesso, ascensão social. Ele tem que desdar as mãos, ele tem que se silenciar para por vezes estar vivo, pisando nesse campo minado em que se constituiu o mundo para nós.

É insustentável porque carece de outras semelhanças dele, quando não temos pessoas Transgêneras, Negras, Indígenas e demais categorias que foram desumanizadas, ocupando lugares de poder, de destaque, sendo referências, propondo a descolonização.

É insustentável porque propõe a descontinuidade, quer parar para refletir, quer destruir para construir, quer repensar os moldes, as barreiras, os muros, as paredes, quer criar uma outra coisa, que rompa com a continuidade desse projeto de fracasso e radicalize em outros planos libertários de mundo.

É insustentável porque ele está em crise, crise epistemológica, quer trocar todas as referências, quer outro currículo, outra formação, outra literatura, outras vozes. Porque ele tem sede de ouvir a voz dos marginais, dos dissidentes, dos sufocados, dos silenciados e banidos do mundo.

É insustentável porque ele não é o homem branco, hétero, cisgênero, ele não é universal. Porque é lido como específico, pessoal, emocionado, subjetivo, e um corpo assim não pode ser referência para nada, muito menos pautar uma saída universal para o mundo.

É insustentável porque ele já foi perseguido, coagido, silenciado, pressionado, por propor mudanças, por intervir, por falar, por performar, por existir, por resistir, por viver.

É insustentável porque ele é um corpo dissidente, um corpo dissidente que habita a educação, e a qualquer momento ele pode ser retirado dela, ele pode morrer de corpo, alma e epistemologia. A morte é o último fator da insustentabilidade, depois dela nenhuma manifestação, nenhuma saída, nenhum respiro.

A isso tudo que descrevo chamo de **Corpo Insustentável**, você saberá quando você for um. Quando a sua vida em alguma instância estiver ameaçada neste planeta, você saberá que está sendo atravessado pela insustentabilidade, que você é um corpo insustentável. Um corpo que pende, que tenciona, que a qualquer momento pode sumir.

## Conclusão

Nossos corpos passam da sustentação à insustentabilidade, ao passo que somos nós quem sustentamos a revolução também somos corpos insustentáveis, transitamos

entre essas categorias a depender da situação e do aparato em que estamos vivenciando, mas por trás delas se apresentam muitas soluções e demandas.

Como pessoas que estão na mira do genocídio e da desumanização, devemos nos perguntar: Quem nos dará a sustentação que precisamos para permanecer? Quem nos dará os ouvidos e a voz, as cotas, o reconhecimento e as políticas públicas? Quem nos dará os cargos de poder, o direito a produzir e a gestar um órgão? Quem sustentará a nossa revolução? Quem fará com que nossos corpos passem de insustentáveis à sustentáveis, em um mundo onde, além de os assegurar o direito à vida, também repare toda a história perdida em que os nossos corpos viveram em um calabouço? Ou melhor, como nós mesmos daremos sustentabilidade aos nossos corpos sabendo que em alguns espaços todas as forças se movem para que ele não se sustente?

Se reconhecemos que a educação é uma das responsáveis pela manutenção desses mecanismos desumanitários, temos que pensar em como podemos reverter esse quadro para que ela não o seja mais. Mas que seja em oposição a isso, o mecanismo que fará humanidade, que dará sustentação, para que embarquemos num novo projeto de mundo, reiteradamente humano e menos desigual. Como deveriam ser todos os espaços de socialidade em que um corpo habita.

Assim encerro esse trabalho, gostaria de perguntar mais do que dar respostas, como a cantora Linn da Quebrada afirma em seu álbum Pajubá (2017), “estou procurando!”. Estamos todos procurando, procurando pela nossa sustentabilidade. Talvez seja esse o caminho para que possamos renegociar nossa permanência nesse mundo, procurar incessantemente pela nossa sustentação, para que assim nossos corpos saiam dos armários, das prisões, das valas comuns, das estatísticas de violência e precariedade, da falta de afetividade, de ausência de integridade e respeito, e comecem a habitar outros papéis, nunca antes pensados para nós.

Saber onde a insustentabilidade nos pega é saber como nos articular diante dela. É necessário e imprescindível fortalecermos nossa consciência, nossa resiliência e nossa presença neste mundo. Saber onde está a insustentabilidade faz com que saibamos propor, intervir, encaminhar propostas sustentáveis, imaginar saídas, reparar danos, devolver a nós e a todos aqueles que também foram precarizados tudo o que um dia foi utopia, ilusão, inacessibilidade. Se não pudermos reparar, que possamos modificar aquilo que chamamos de presente, de futuro, para que a história nos veja não mais como objeto e estatística, mas sujeitos atuantes, dignos de integridade e cidadania, sujeitos sustentáveis.

## Referências

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil. **Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/12/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Geledés – Instituto da mulher negra. **O que é interseccionalidade?** 2018. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=Cj0KCCQiApaXxBRDNARIsAGFdaB8m3ivDmGevn7\\_wd5Hmn5-wnFiCLbs6NcYwfuBb21Mmzq6kPCcBbFUaAo-iEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=Cj0KCCQiApaXxBRDNARIsAGFdaB8m3ivDmGevn7_wd5Hmn5-wnFiCLbs6NcYwfuBb21Mmzq6kPCcBbFUaAo-iEALw_wcB)

Huffpost Brasil. **O legado de Paula Beatriz, a 1ª diretora trans de uma escola pública em São Paulo**. 2019. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/paula-beatriz-professora-br\\_5c6d8cd4e4b0e2f4d8a1d952](https://www.huffpostbrasil.com/entry/paula-beatriz-professora-br_5c6d8cd4e4b0e2f4d8a1d952)

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2019.

Quebrada, Linn da. **Submissa do 7º dia**. São Paulo, SP: Albúm musical Pajubá, 2017. Disponível em: <https://genius.com/Linn-da-quebrada-submissa-do-7-dia-lyrics>

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?**. Belo Horizonte, BH: Letramento, 2017.

ROBERTO, Romero. (Tradução). **Manifesto Queer Nation**. Belo Horizonte, BH: Edições Chão da Feira, 2016.

SEM, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo, SP: Companhia de bolso, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Incluir para excluir**. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

**Recebido em:** 15/04/2019

**Aceito em:** 15/12/2019